

A POLISSEMIA NO CONCEITO DE CULTURA

Mônica Saad Madeira (UNIG)
monica.saad@bol.com.br
Simony Ricci Coelho (UNIG)
simonyricci@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa a polissemia no conceito de cultura, se apoia nos aspectos da hibridização cultural, das mudanças provenientes do avanço das tecnologias da comunicação, como eixo central para explicar as diferentes conotações. Enfatiza-se as inúmeras definições de cultura, abordando o sentido antropológico. Este trabalho propõe uma reflexão sobre os jargões que já ouvimos várias vezes segundo o site: www.alunosonline.com.br/filosofia: “O povo não tem cultura”, “O povo não sabe o que é boa música”, “O povo não tem educação”. De fato, essa é uma concepção arbitrária e equivocada a respeito do que realmente significa o termo “cultura”. A definição de cultura é bastante complexa. Há um entrelaçamento de significados que dão sentido a todo o entorno de um indivíduo, como suas crenças, valores, costumes, leis, moral e línguas. A fundamentação teórica está pautada nos seguintes autores: BOSI (2009), GEERTZ (2008), HALL (2006), LARAIA (2009), SANTOS (2006).

Palavras-chave: Cultura. Polissemia. Língua. Ciências humanas.

1. Introdução

Da cultura brasileira já houve quem a julgasse ou a quisesse unitária, coesa, cabalmente definida por esta ou aquela qualidade mestra. E há também quem pretenda extrair dessa hipotética unidade e expressão de uma identidade nacional. (Alfredo Bosi)

O objetivo do texto consiste em analisar os sentidos da cultura, abordando a polissemia de significados e a variação semântica que adquire esse conceito quando utilizado por diferentes segmentos.

É comum mencionarmos que uma pessoa não possui cultura quando ela não tem contato com a leitura, artes, história, música, etc. Se

compararmos um professor universitário com um indivíduo que não sabe ler nem escrever, a maior parte das pessoas chegaria à conclusão de que o professor é “cheio de cultura” e o outro, desprovido dela. Mas, afinal, o que é cultura?

No que diz respeito ao senso comum, cultura possui um sentido de erudição, uma instrução demasiada e diversificada adquirida por meio de variados mecanismos, destacando o estudo. Várias vezes já ouvimos os jargões segundo o site <http://www.alunosonline.com.br/filosofia>, “O povo não tem cultura”, “O povo não sabe o que é boa música”, “O povo não tem educação” etc. De fato, esta é uma concepção contrária a lógica e equivocada a respeito do que realmente significa o termo “cultura”. Como dizer que um índio que não tem acesso aos livros, nem a música clássica, por exemplo, não possui cultura? E seus costumes, tradições, sua língua, seus valores, religião? Onde ficam?

A definição de cultura é bastante complexa. Em uma visão antropológica, de acordo com o site <http://www.alunosonline.com.br/filosofia>, “Podemos definir como a rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, ou seja, a sociedade. Essa rede engloba um conjunto de diversos aspectos, como crenças, valores etc.”

Segundo Geertz (2008, p. 28), na antropologia o conceito de cultura sofre uma revisão e passa a ser visto como: “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos e materializado em comportamentos”. Complementar a esta noção, está a ideia de que as imagens públicas do comportamento (cultural) são vistas como os mais eficazes elementos do controle social. Deste modo, a cultura é em parte controladora do comportamento em sociedade e, ao mesmo tempo cria e recria este comportamento, devido ao seu conteúdo ideológico, impossível de ser esvaziado de significado, já que toda cultura possui uma ideologia que a embasa, pois para o autor a ideologia é apresentada como a dimensão norteadora/justificativa do “arbitrário cultural” (os princípios que são aceitos pelo senso comum como indiscutíveis, e que definem o que é valorizado ou desvalorizado em termos comportamentais em determinado grupo humano), sendo este arbitrário cultural, o elemento mediador da apreensão dos signos e significados presentes em uma cultura. Ainda, segundo o mesmo Geertz,

(...) a antropologia tem tentado encontrar seu caminho para um conceito mais viável sobre o homem, no qual a cultura e a variabilidade cultural possam ser mais levadas em conta do que concebidas como capricho ou preconceito e, no entanto, ao mesmo tempo, um conceito no qual o princípio dominante na área,

“a unidade básica da humanidade”, não seja transformado numa expressão vazia. Assumir esse passo gigantesco longe da perspectiva uniforme da natureza humana, no que concerne ao estudo do homem, é abandonar o Paraíso. Alimentar a ideia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão (GEERTZ, 2008, p. 27)

De acordo com Bosi (2008, p. 7),

Ocorre, porém, que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário; a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço.

A cultura das classes populares, por exemplo, encontra-se, em certas situações, com a cultura de massa; esta, com a cultura erudita; e vice-versa (BOSI, 2008, p. 7)

É praticamente impossível alguém não ter cultura, afinal, como alguém pode nascer e/ou permanecer fora de um contexto social? Não se deve considerar uma determinada cultura (oriental ou ocidental) como um modelo para todos, seria uma visão etnocêntrica.

2. *Polissemia na cultura*

De acordo com Aurélio,

Cultura – cult.u.ra sf. 1. Ato, efeito ou modo de cultivar. 2. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade. 3. o conjunto dos conhecimentos adquiridos em determinado campo. 4. Criação de certos animais, esp. microscópicos: cultura de germes. (AURÉLIO, 2008, p. 280)

A forma como se vê o mundo, suas apreciações de ordem moral e de valores, os diversos comportamentos sociais e mesmo as posturas comportamentais são assim produtos de uma herança cultural, isto é, o resultado de uma determinada cultura. Na concepção de Santos,

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão no processo social. Ou seja, a cultura não é “algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade.” Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor.” E uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progres-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

so social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS, 2009, p. 45)

A questão não está em apresentar diversas culturas, mas sim vários tipos de indivíduo dentro de uma cultura. O ser humano não é qualquer homem, é um ser particular que difere de outros homens dentro da mesma cultura. Segundo Geertz,

O homem não pode ser definido nem apenas por suas habilidades inatas, como fazia o iluminismo, nem apenas por seu comportamento real, como o faz grande parte da ciência social contemporânea, mas sim pelo elo entre eles, pela forma em que primeiro é transformado no segundo, suas potencialidades genéricas focalizadas em suas atuações específicas. (GEERTZ, 2008, p. 38)

Atualmente escrever sobre cultura de massa é conceito dos mais amplos, que abrange, várias vezes, toda e qualquer manifestação de atividades ditas populares. Da época do *rock and roll*, do jeans, dos *hippies*, das novelas da televisão aos HQs (revistas em quadrinhos), tudo, pode ser inserido no plácido e amplo conceito de cultura de massa. Portanto, muitos dos que utilizam este conceito ver-se-iam em dificuldades, se questionados acerca de sua verdadeira abrangência.

Quanto a cultura de massa, ao contrário, não passa de uma “mistura” de indivíduos que não se movimentam, mas podem ser movidos por paixões. De acordo com o site <http://www.montfort.org.br/index>, “A massa é sempre, e necessariamente, passiva. Ela não age racionalmente e por sua conta, mas se alimenta de entusiasmo e ideias não estáveis”. Acabam tornando-se influenciadas por uma maioria instável, seja por modismos ou a própria *mídia* que dita comportamentos e valores, ou a inversão deste.

Acrescentando ainda no site <http://www.montfort.org.br/index>: “A massa é como a areia movida pelo vento, ou o rebanho nas mãos do pastor. Movem-na apenas veleidades: o dinheiro, a facilidade, o luxo, o prazer, o prestígio”. Quando um adolescente é questionado sobre algum evento da moda e ele desconhece, com certeza buscará uma resposta para que não sinta vergonha do seu despreparo. Logo então, sentir-se-á mais tranquilo, pois estará “como um igual”, será inserido no contexto da massa.

Segundo o site <http://www.montfort.org.br/index>, “Ser, pensar, agir, estar sempre, obrigatoriamente, ‘como os outros’ é amoldar-se inexoravelmente a esse implacável “deus” chamado ‘todo mundo’”. Não se pode perder a sua “identidade”, mas é o que muitas vezes acontece, há

uma renúncia do indivíduo para fazer parte do coletivo, mesmo que custe esquecer de si para “viver” o outro.

Atualmente, quando se pensa no popular, deve-se incluí-lo em discussões mais abrangentes que tem motivado vários cientistas sociais nas últimas décadas. Com a modernidade e a globalização, a política neoliberal e a expansão tecnológica são vetores que tem causado mudanças de extrema importância na vida social, sob diversos aspectos e circunstâncias, inclusive o da cultura.

Logo, desenha-se o contexto revelando porque o popular e a cotidianidade das camadas subalternas assumem lugar de destaque na sociedade contemporânea. Segundo Canclini:

As culturas populares constituem um processo de apropriação desigual dos bens materiais e simbólicos de uma nação por parte dos seus setores subalternos e com uma capacidade específica de gerir sentidos sobre a realidade por meio do trabalho e das práticas sociais. (CANCLINI, 1983, p. 43).

Sendo assim, surge uma nova forma de pensar o popular, bem diferente da visão romântica, onde a cultura do povo era interpretada como essência, como fonte do nacionalismo e como forma de identificar a raiz cultural de uma nação por meio das suas práticas tradicionais. Por conseguinte, o conceito em relação ao popular torna-se restrito, pois não incorpora dados que na concepção de Canclini são essenciais para pensar o popular de hoje, ocorrendo uma situação conflituosa em que estão historicamente inseridos os contextos populares.

De acordo com <http://www.montfort.org.br/index>, “A característica principal desse conflito está na desigualdade de acesso a bens sociais, na precarização dos serviços públicos e nas condições de exploração[...]. Tal situação reflete a realidade das sociedades capitalistas. Tanto as diferenças de classe quanto a desigualdade social constituirão o ponto de partida para uma reflexão sobre a produção cultural. Em Canclini, (1983, p. 46) “A questão decisiva consiste na compreensão das culturas populares através da sua conexão de classe e com as condições de exploração sob as quais estes setores produzem e consomem”.

Não só é importante a definição de cultura, mas além de entendê-la na posição de desigualdade frente à cultura hegemônica, é dizer que o povo possui uma determinada autonomia, no que tange a percepção da realidade e aquisição de valores. De acordo com Santos,

Uma questão permanece: o que é ou pode ser considerado popular na cultura? Os cultos afro-brasileiros, como a umbanda e o candomblé, são popula-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

res? E o carnaval? E o futebol? E o sistema escolar, hospitalar, e a justiça – o que disso tudo é popular? Vemos pelo simples anunciado das questões que a indagação sobre o que é popular na cultura deve ser considerada com cuidado.

Pode-se dizer que as questões acima dizem respeito a dimensões de nossa vida social que têm origens históricas diferentes. Assim, será notado que o carnaval e os cultos afro-brasileiro desenvolveram-se a partir de tradições das populações trabalhadoras, com marcas muito fortes das origens africanas dessas populações. (SANTOS, 2009, p. 60)

Ao refletir sobre a relação entre as culturas populares e a cultura “erudita” antes pensada como pólos separados pela ideia de classe, agora são compreendidas como processo híbrido, no qual ocorre o entrelaçamento de elementos culturais.

Então, refletir sobre o popular consiste em abordar a sua ligação com o consumo, o avanço tecnológico e os veículos de comunicação de massa inclusive a TV, cuja expansão que obteve nas periferias urbanas e no meio rural inaugurou mudanças sobre o sentido empregado às culturas populares.

Tal processo se deve ao crescimento do capitalismo no século XX, a partir da metade do século, com o aperfeiçoamento técnico e a mudança de uma política econômica focada na produção para o consumo. Esse último constitui o horizonte dos grandes impérios com base na evolução do consumo e o crescimento da indústria cultural com oferta aos países subdesenvolvidos.

O desenvolvimento da cultura de massa ocorre ao lado das tecnologias da imagem, com interesse na popularização de marcas e produtos direcionados para uma larga camada da população. Sendo assim, o popular adquire sentidos ligados a divulgação de mercadorias por diversas mídias e de símbolos culturais ofertados ao consumo volátil e massificado. Para Canclini (2000, p. 261), “A definição comunicacional do popular não consiste no que o povo é ou tem, mas no que é acessível para ele no que gosta, no que merece sua adesão ou sua com frequência”.

O popular se articula como categoria política, o populismo, foi um sentido utilizado por importantes lideranças políticas como forma de estabelecer uma identificação do líder e seus projetos com o povo. Canclini descreve:

Considera essa encenação do popular como uma mescla de participação e simulacro. Desde Vargas e Perón até os populismos recentes, a efetiva revalorização das classes populares, a defesa dos direitos trabalhistas, a difusão de

sua cultura e arte caminham lado a lado com as encenações imaginárias de sua representação. (CANCLINI, 2000, p. 265)

Nos anos 60, tanto os artistas, escritores e/ou intelectuais da época evidenciavam-se com questões sociais, tornando o popular como sentido de força crítica e revolucionária. Segundo Canclini (2000, p. 289), “Esses movimentos que parecem mimetizar-se com os hábitos linguístico-culturais das classes subalternas e acreditam encontrar a “essência” do popular em sua consciência crítica e seu impulso transformador”.

O que é dito como popular desliza em diferentes sentidos, seja na política, na comunicação de massa ou no movimento de cultura popular brasileira, demonstra uma diversificação no uso do conceito que ultrapassa a dimensão de classe, revelando o que Canclini pontua como poderes oblíquos da hibridização cultural.

É a cultura popular a causa eficiente da verdadeira cultura de elite, a qual não lhe é oposta, mas prolongamento natural dela, como a flor é produto da raiz. Raiz e flor não se repelem, amam-se. A flor é o “orgulho” da raiz, pois esta é mãe daquela. Vivaldi, Handel e numerosos outros compositores clássicos foram buscar temas para suas músicas nas canções populares de seu tempo. Não fosse a boa poesia popular, a literatura não teria *Os Lusíadas* ou *A Divina Comédia*. Segundo Santos,

... a cultura erudita é desde sempre associada com as classes dominantes, sua expansão colonizadora; a ampliação de seus domínios como, por exemplo, através da expansão da rede de escolas e de atendimento médico, pode ser entendida como uma ampliação das formas de controle social, que mantêm as desigualdades básicas da sociedade em benefício da minoria da população. Logo se nota que a polarização entre cultura popular e cultura erudita pode levar a conclusões complicadas.

Há sempre uma preocupação de localizar marcas políticas quando se opera esse tipo de polarização entre as duas concepções de cultura. Nesse sentido, o que se busca na cultura popular é seu caráter de resistência à dominação, ou seu caráter revolucionário em relação a esta. (SANTOS, 2009, p. 56)

Observa-se a cultura erudita no conhecimento da arte, literatura, escultura, pintura, teatro, sendo fator determinante, para a classificação o nível de estudo, o conhecimento. Destaca-se na música erudita: Johann Sebastian Bach e na pintura Michelangelo. A cultura popular é a cultura do povo, como uma manifestação mais espontânea, com acentuadas características regionais.

3. *Ideologia na cultura: um conceito antropológico*

De acordo com Geertz,

Embora a ciência e a ideologia sejam empreendimentos diferentes, elas não deixam de ter relações entre si. As ideologias fazem exigências empíricas sobre as condições e a direção da sociedade, o que é assunto da ciência avaliar (e, quando falta o conhecimento, do senso comum). (GEERTZ, 2008, p. 134)

Cliffor Geertz se dedica a realizar uma análise antropológica das dimensões culturais da política, da religião e dos costumes. Para realizar tal análise, Geertz se apoia em vários exemplos, que vão desde a etnografia da briga de galos Belinense, até a análise dos sistemas de casamento em parentesco europeus medievais. No decorrer da leitura, percebe que, como estrutura na organização das sociedades está a cultura, cabe mencionar que o autor indica que esta pode ser definida como um sistema cultural de organização (e controle) das coletividades.

De acordo com o autor, na antropologia o conceito de cultura sofre uma revisão e passa a ser visto como: “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos e materializados em comportamentos”. Complementar a esta noção, está a idéia de que as imagens públicas do comportamento (cultura) são vistas como os mais eficazes elementos do controle social.

Logo, a cultura é em parte controladora do comportamento em sociedade e, o mesmo tempo cria e recria este comportamento, devido ao seu conteúdo ideológico, impossível de ser esvaziado de significado, já que toda cultura possui uma ideologia que embasa, pois para o autor a ideologia é apresentada como dimensão norteadora/justificativa do “arbitrário cultural” (os princípios que são aceitos pelo senso comum como indiscutíveis, e que definem o que é valorizado ou desvalorizado em termos comportamentais em determinado grupo humano).

Laraia aponta que os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. Já no “Determinismo Geográfico”, ele demonstra que os povos não se diferenciam por natureza, mas por necessidades de sobrevivência diferentes, o que gera o desenvolvimento de certas atividades mais do que outras, por limitações ou necessidade ambiental.

Nesta mesma passagem, cita o exemplo em que os esquimós e os lapões vivem ambos em latitudes semelhantes, mesma região do globo (norte) – mas em continentes diferentes, o primeiro na América e o se-

gundo na Europa –, porém demonstram ter culturas totalmente diferentes, ao notar critérios básicos como alimentação, caça e construção de suas moradias. Sendo assim, se houvesse realmente uma diferença ou igualdade genética referente à posição de estabelecimento de certa cultura no globo terrestre, haveria como consequência a similaridade ou diferença de comportamentos, utilização do meio ambiente (que no caso dos esquimós é parecido) e desenvolvimento de atividades.

Mesmo trazendo conceitos de cultura de outros autores, ressalta Tylor que “definiu cultura como sendo todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje”. (LARAIA, *apud* TAYLOR, 2009, p. 30). Analisando por esse ângulo, cultura é algo totalmente externo, sem influência interna, genética.

Destaca-se quanto ao desenvolvimento cultural que caracteriza a “superioridade” da espécie humana, segundo Laraia, foi a possibilidade de observação das mais diversas espécies de animais terrestres e o desenvolvimento tecnológico humano, de modo a suprir a necessidade de ter certas funções biológicas que não são características da sua natureza. (LARAIA, 2009, p. 41) O desenvolvimento do avião, do navio e do submarino são exemplos concretos da materialização do domínio aéreo, marítimo e submarino pelo homem. É essa questão adaptativa que ele tenta demonstrar no decorrer dos capítulos, de modo que, qualquer desenvolvimento cultural não é intrínseco à aparelhagem biológica do ser.

4. Considerações finais

A cultura brasileira possui ritmos diversos. As “culturas” se encontram: a cultura de massa (popular), está com a cultura erudita e vice-versa. Vários estudos e pesquisas foram feitos e continuam nos dias de hoje para se chegar a uma resposta definitiva, mas ainda não há um conceito considerado o correto, por isso a polissemia se faz tão presente.

Não foi observado que o autor Laraia tenha chegado a uma conclusão concreta e/ou única, sobre a questão do conceito de cultura. Percebe-se, no entanto, que ele traça seu pensamento na linha de que a cultura é algo externo, excluindo então a possibilidade de ser criada com base na evolução cerebral contínua, mas não negando a existência da mudança cerebral que ocorreu para armazenar os fenômenos culturais da sociedade humana. O autor complementa dizendo que a participação do indivíduo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em sua cultura é sempre limitada; pois a pessoa não consegue participar de todos os elementos dela.

Geertz faz interpretações a respeito da cultura, analisa como uma hierarquia de significados. É a leitura das sociedades, enquanto textos ou como análogas a textos.

O caminho a ser trilhado é longo, mas uma afirmativa pode ser feita, é a certeza de que através dos estudos realizados; a cultura possui definições polissêmicas de acordo com o olhar a ser pesquisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa popular*. 12. ed. São Paulo: Vozes, 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2008.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. ver. e atual. Curitiba: Positivo, 2004.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MAIA, João M. E.; PEREIRA, Luiz F. A. *Pensando com a sociologia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- <http://www.alunosonline.com.br/filosofia>
- <http://www.montfort.org.br/index>